



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA

## SUJEITO DISCURSIVO: VOZES QUE ECOAM EM MARIELLE FRANCO

Luane Leandra Sousa Novais<sup>1</sup>

Sidnay Fernandes dos Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo desta pesquisa é interpretar textos predominantemente imagéticos (fotografias, charges, grafites, desenhos) relacionados à vereadora Marielle Francisco da Silva, conhecida como Marielle Franco, tendo em vista a memória e as relações interdiscursivas que se estabelecem pela complementariedade entre o verbal e o não verbal. A análise fundamenta-se no aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso e o trabalho de constituição do *corpus* analítico se deu numa perspectiva arquivística. Tomamos a *Web* enquanto arquivo e selecionamos textos verbo-visuais dados a circular após a execução da vereadora que produzem sentidos que associam a imagem visual de Marielle a uma causa política de luta e de resistência. Este estudo buscou atingir seus objetivos recorrendo, principalmente, a teorizações sobre linguagem, sujeito, história e ideologia, a partir de Michel Pêcheux (1969; 1975) e Eni Orlandi (2015); sobre a relação texto/imagem, segundo Buitoni (2011); sobre fotografia e narrativa verbal: Gomes (2008); e sobre rompimento com as assimetrias sociais: Angela Davis (2017). Como resultados, após levantamento e análise de sentidos dos textos imagéticos, constatamos que o político se textualiza no plano não verbal por retomadas de discursos (verbais, verbo-visuais e visuais) já ditos antes e em outros lugares em âmbito nacional e internacional.

**Palavras-chave:** Análise de Discurso; Linguagens verbal e não verbal; Memória Discursiva; Marielle Franco.

### Introdução

Vivemos em um país profundamente preconceituoso em relação às mulheres negras, embora haja movimentos que afirmem o contrário. Agressões aos direitos e às próprias vidas, discriminação sexista, alastramento de ataques contra a classe trabalhadora são algumas práticas, isoladas ou cumulativas, que causam sofrimentos coletivos imensuráveis.

Neste texto, focalizamos um crime recente no Brasil contra uma mulher negra: o assassinato a tiros de Marielle Franco, vereadora do Rio de Janeiro pelo PSOL, em 14 de março de 2018.

---

<sup>1</sup> Licencianda em Letras pela Universidade do Estado da Bahia, Campus VI. Membro do Grupo de Pesquisa Ensino, Discurso e Sociedade (DisSE/CNPq).

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela UFSCar. Docente na Universidade do Estado da Bahia, Campus VI/Caetité. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Ensino, Discurso e Sociedade (DisSE/CNPq).



Compreendemos que qualquer atividade discursiva realiza-se por meio de textos, sejam eles verbais e/ou não verbais. A produção destes decorre de práticas interacionistas que obedecem a princípios discursivos específicos da situação de enunciação e do contexto sócio histórico. É nessa perspectiva que buscamos compreender como a imagem de Marielle Franco é construída e se favorece ou não à potencialização<sup>3</sup> das mulheres, principalmente das negras.

Observamos que, após o assassinato de Marielle, muitas imagens de seu rosto passam a circular com muita veemência, materializadas em espaços distintos e até inusitados: em muros das cidades, em camisetas etc. São fotografias e imagens produzidas por artistas diversos que atribuem ao seu rosto uma “aura de ícone pop”<sup>4</sup>. Diante disso, surge nossa curiosidade por estudar discursivamente essas materialidades diversas. Objetivamos analisar textos (fotografias, charges, grafites, desenhos) do rosto da ex-vereadora Marielle Franco, tendo em vista como o político se materializa na complementariedade entre elementos verbais e não verbais.

Como aporte para este estudo, recorreremos a teorizações sobre linguagem, sujeito e história: (PÊCHEUX 1969; 1975) e (ORLANDI, 2015); sobre a relação texto/imagem (BUIIONI, 2011); sobre fotografia e narrativa verbal (GOMES, 2008); sobre rompimento com as assimetrias sociais (DAVIS, 2017).

### **Relação do não verbal e do verbal**

De modo geral, a linguagem pode ser categorizada por duas modalidades: a verbal e a não verbal, que aparecem separadas ou unidas em um mesmo texto. A linguagem verbal pode ser utilizada por todos da sociedade com sentidos conotativos e/ou denotativos, de forma escrita ou oral. Já a linguagem não verbal tende à produção de sentidos mais conotativos e subjetivos, com mais possibilidades de interpretação.

---

<sup>3</sup> Utiliza-se o termo “potencialização” em vez de “empoderamento”.

<sup>4</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/03/imagem-de-marielle-se-espalha-por-muros-de-cidades-dentro-e-fora-do-pais.shtml?origin=folha>



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA

Quando há a união dessas linguagens, pode-se dizer que há uma linguagem múltipla ou mista. O tratamento discursivo dado à relação entre a linguagem verbal e a visual ajuda a direcionar o leitor a abordar os textos e também interpretá-los, escreve Gomes:

É preciso, por isso, refletir e analisar os modos de integração entre as linguagens visuais e verbais, observando até que ponto uma reitera e cria redundâncias que garantam, ao mesmo tempo, a coerência e o enquadramento do conteúdo da outra, reduzindo ao máximo os silêncios instaurados em cada manifestação ou, ao contrário, em que momentos a sua coexistência redimensiona os sentidos, desencadeando outras isotopias possíveis e, conseqüentemente, outros planos de leitura. (2008, p.43)

Assim sendo, as interações sociais são marcadas pelo entrelaçamento entre o desenho, a fotografia, a ilustração, a figura, os sons, o movimento e os textos verbais. Então, essas linguagens se configuram como mistas.

Acrescenta-se ainda que a linguagem não pode ser reduzida apenas ao verbal (oral e escrita), pois isso negaria outras linguagens presentes no contexto social que também são formadoras dos sujeitos interlocutores culturais.

Na nossa abordagem teórica, Análise de Discurso (AD), a linguagem é tratada como discurso, o qual remete à ideia de curso, de percurso, de movimento. Discurso é “palavra em movimento, é a língua no mundo e com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2015, p.13).

Visto que a Análise de Discurso apresenta a linguagem como imprescindível entre o ser humano e a realidade tanto natural quanto social, o discurso é representado como um objeto sócio histórico. Dessa maneira, a AD trabalha a(s) forma(s) como a linguagem está materializada na ideologia e como esta se manifesta na língua. O objeto de estudo da ideologia é o discurso e o objeto de estudo do discurso é a língua, assim estabelece-se uma relação língua-discurso-ideologia, como afirma Orlandi, citando Pêcheux, “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”. (PÊCHEUX<sup>5</sup>, 1975 *apud* ORLANDI, 2015, p. 15).

---

<sup>5</sup> PÊCHEUX, Michel. **Les Vérités de la Palice**. Paris: Maspero, 1975.



Para a AD interessa “a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (ORLANDI, 2015, p. 24). E isso independe do tipo de materialidade, porque a AD

trabalha não só como as formas abstratas mas com as formas materiais da linguagem. E todo processo de produção de sentidos se constitui em uma materialidade que lhe é própria. Assim, a significância não se estabelece na indiferença dos materiais que a constituem, ao contrário, é na prática material significante que os sentidos se atualizam, ganham corpo, significando particularmente (ORLANDI, 1995, p.35).

A fotografia nasceu da união da ciência com as artes representativas, com a finalidade de atingir a reprodutibilidade técnica. No princípio, a fotografia foi concebida como um meio de comunicação que ultrapassava a condição visual retratada. Deste modo, havia certa inquietude entre a imagem e o texto verbal.

A imagem técnica transforma-se em um mecanismo ideológico imensurável, como escreve Buitoni, “[a] imagem técnica torna-se elemento ideológico de força inestimável para poderes centralizadores, mas os fotógrafos começam a propiciar um olhar sobre acontecimentos que fazem contracampo com posturas totalitárias” (2011, p.15).

As novas tecnologias digitais que processam o imagético e o verbal dispõem de avançadas perspectivas de vinculação desses elementos textuais. No entanto, cabe a indagação que Roland Barthes faz: “Será que a imagem é simplesmente uma duplicata de certas informações que o texto contém e, portanto, um fenômeno de redundância, ou será que o texto acrescenta novas informações à imagem?” (1964, p.38). Assim, questiona-se se há um elo de reciprocidade entre texto e imagem.

Interessa-nos, aqui, que os sentidos necessitam de uma matéria específica para significar. Eles não significam de qualquer modo.

Entre as determinações – condições de produção de qualquer discurso – está a própria matéria simbólica: o signo verbal, o traço, a sonoridade, a imagem etc. e sua consistência significativa. Não são transparentes em sua matéria, não são redutíveis ao verbal, embora sejam intercambiáveis, sob certas condições (ORLANDI, 1995, p.39).



**A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?**

**28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA**

Em qualquer materialidade (verbal, verbo-imagética e imagética), o que importa é a relação com o social, o histórico e a cultura. Por essa razão, a imagem é carregada de ideologia e, ao interpretá-la, é possível verificar quais são as memórias discursivas que estão atualizadas em sua materialidade.

Vale salientar ainda que, segundo Charaudeau (2007), a imagem é capaz de produzir certos efeitos. Um diz respeito ao efeito de realidade, quando ela refere-se ao que surge no mundo; outro é o efeito de ficção, quando retrata e reconstitui um acontecimento passado; e, por fim, o efeito de verdade, quando faz com que se perceba coisas que não podem ser percebidas a olho nu.

Para compreender os sentidos produzidos via textos verbais ou não, vale ressaltar as condições de produção que vinculam os dizeres com a sua exterioridade, porém, esses dizeres não se referem somente às mensagens a serem decifradas, eles envolvem outras possibilidades, como afirma Orlandi: “esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele”. (2015, p.28). Assim, as condições de produção consideram não apenas o contexto sócio histórico e ideológico, mas também o já-dito e a memória.

## **Projeções de Marielle Franco em diferentes linguagens**

Na sociedade contemporânea, sujeito e sentido se formam e são atingidos pelos efeitos elaborados via projeções de imagens<sup>6</sup>, associando-se ao modo que se dá a circulação dessas formações imaginárias.

Segundo Fernandes (2007), quando se pensa na concepção de sujeito na AD, primeiramente deve-se levar em conta que não se refere a indivíduos entendidos como seres que existem de modo exclusivo e particular no mundo. Desse modo, a noção de sujeito aqui considerada não perpassa a ideia de um ser humano individualizado, mas sim

---

<sup>6</sup> Sobre formações imaginárias (sujeitos discursivos e referente) no processo discursivo, ver PÊCHEUX, M. [1969] Análise automática do discurso. Tradução brasileira: ORLANDI, E.P & COSTA, G. Campinas/SP: Pontes Editores, 2019.



da existência de sujeitos em sociedade. Assim sendo, o sujeito discursivo deve ser visto como um ser social que se encontra dentro de um espaço social, ideológico coletivo em um determinado momento histórico.

A voz desse sujeito reflete o lugar social, não somente a de um, como também um conjunto de outras vozes constituintes de determinada realidade, da voz desse sujeito discursivo “ecoam as vozes constitutivas e/ou integrantes desse lugar sócio-histórico” (FERNANDES, 200, p.23). Assim, a Análise de Discurso considera o sujeito constituído por diferentes vozes sociais, como este se posiciona discursivamente, a quais formações discursivas/ideológicas se filiam ao enunciar.

Além do mais, pela noção de “relação de forças”:

[...] o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Assim, se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do aluno. O padre fala de um lugar em que suas palavras têm uma autoridade determinada junto aos fiéis etc. Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares que se fazem valer na “comunicação”. A fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno. (ORLANDI, 2015, p.37)

Então, as falas dos sujeitos significam de modo diferente, uma vez que esta distinção dependerá do lugar social que ocupa o indivíduo que fala. Entretanto, é preciso esclarecer que lugar e posição dos sujeitos são concepções diferentes para a AD. A primeira refere-se aos lugares ocupados pelos sujeitos empíricos inseridos em uma sociedade de relações dadas pela hierarquia. A segunda, posição sujeito, dá conta das projeções feitas pelos referidos sujeitos. E é, a partir dessas projeções, que o sujeito discursivo passa do lugar de sujeito para posição do mesmo no discurso.

Considerando o ano de 2018 no cenário carioca brasileiro, no qual atuava a vereadora Marielle Franco<sup>7</sup> - negra, bissexual, nascida na favela do Complexo da Maré/Rio de Janeiro (RJ), socióloga e mestra em Administração Pública, defensora do feminismo e dos direitos humanos<sup>8</sup> –, é importante destacar que o estado do Rio de Janeiro estava

<sup>7</sup> Eleita vereadora do RJ para a legislatura 2017-2020 pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), elegeu-se em 2016, com a quinta maior votação.

<sup>8</sup> Informações disponíveis em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Marielle\\_Franco](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marielle_Franco). Acesso: 27 dez 2019.



**A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?**

**28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA**

sob intervenção federal, instituída pelo presidente Michel Temer com apoio do então governador do estado, Luiz Fernando Souza, popular Pezão. Desde 2016, o estado do Rio de Janeiro passava (e ainda passa) por uma crise econômica, com falta de verbas para pagamento de salários dos servidores públicos, que afetou os investimentos em segurança pública; o governo estadual declara, então, estado de calamidade pública e apoia a intervenção federal militar. A vereadora Marielle atuava contra tal intervenção e denunciou vários casos de abuso de autoridade por parte de policiais contra moradores de comunidades carentes.

No Brasil atual, o lugar social ocupado por mulheres, negras, faveladas, lésbicas é bastante ameaçador. Ou seja, além do sujeito situar-se em um espaço falocêntrico, situa-se em um espaço racista e ainda em um espaço opressor com condições trabalhistas desiguais. Sujeito oprimido pelas condições sociais de ser mulher, negra, marginalizada, com salário menor, pobre, mas que, pela força e persistência, estuda em universidade e se torna mestra e vereadora com o desejo incessante de luta e mudanças. Escreve Davis: “[n]o interior dos movimentos de mulheres, em particular, desenvolveu-se uma consciência crescente da inter-relação entre sexismo, racismo e exploração da classe trabalhadora” (2017, p. 84).

Ainda que as dedicações do povo negro para conquistar seus ideais foram agredidas, eles nunca deixaram de resistir, sempre preservaram a herança vital da luta conjunta por liberdade. Como escreve Davis, “[e]mbora nossas bisavós e nossos bisavôs possam não ter tido a expectativa de libertar a si mesmos da escravidão, ou da meiação, ou da cozinha do sr. Charlie<sup>9</sup>, podem ao menos ter transmitido seu sonho de liberdade às gerações seguintes” (2017, p. 70).

Na condição de mulheres negras, têm-se inúmeros motivos para aguçar cada vez mais a tradição ativista moldada pelas ancestrais diante de muitas lutas. O povo negro e principalmente as mulheres negras não se calam e, muito menos, vão se calar. Em nenhum momento consideraram que a escravidão ficou no passado e a abolição escravista aconteceu em 1988.

---

<sup>9</sup> Nome comumente usado pela população negra do século XIX em referência ao senhor e à senhora das famílias brancas escravocratas que demonstravam uma atitude arrogante, mesquinha e cruel.

O assassinato de Marielle Franco abalou não somente o território nacional, mas também o internacional. Dias após sua morte, o nome de Marielle foi invocado e homenageado por muitos grupos que pediam justiça a atos violentos e sucessivos no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Brasília e muitas outras cidades brasileiras, além das estrangeiras Toronto, Nova York, Berlim, Paris, Lisboa, Porto, Universidades de Harvard e Brown (EUA) etc. Foi um acontecimento político-digital do Brasil, o brutal assassinato de Marielle mobilizou mais gente do que o *impeachment* de Dilma Rousseff, maior até então. Deflagrou 3,573 milhões de tuites no dia 14 de março, e nas 42 horas seguintes mobilizou 400 mil usuários do *Twitter* em 54 países e 34 idiomas<sup>10</sup>.

A imagem abaixo foi citada no interior do texto *‘Efeito Marielle’: mulheres negras entram na política por legado da vereadora*, publicado no site *Ponte* em 27 de maio de 2018:



Figura 01<sup>11</sup>

Um pouco mais de dois meses após o assassinato da vereadora, a reportagem do site jornalístico já tem e colocam em circulação essas informações de mulheres negras que decidem entrar para a vida política como forma de levar adiante o legado de luta deixado por Marielle. E o ilustrador Junião produz esse texto verbo-imagético (Figura 01), cujos sentidos são da imagem que mulheres negras constroem de si a partir da imagem que elas mesmas possuem da Marielle num jogo de projeções que se concentram no significante verbal “vote” e na representação icônica que se vê refletida no espelho.

<sup>10</sup> Informações disponíveis em: <https://outraspalavras.net/desigualdades-mundo/marielle-franco-eu-sou-porque-nos-somos/>. Acesso: 12 jun. 2018.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://ponte.org/efeito-marielle-mulheres-negras-entram-na-politica-por-legado-da-vereadora/> Acesso: 28 dez. 2018.



Essas mulheres identificam-se e sentem necessidade de “dar continuidade” às causas defendidas pela vereadora.

### Um gesto, uma fotografia e a circulação de sentidos de resistência



Figura 02<sup>12</sup>

A histórica fotografia (Figura 02) que circulou (ainda circula e circulará) o mundo é um registro da premiação das Olimpíadas Mundiais na Cidade do México em 1968. Da esquerda para a direita: o australiano Peter Norman<sup>13</sup> e os negros Tommie Smith e John Carlos<sup>14</sup>, ganhadores de medalhas na prova dos 200 metros rasos. Os dois atletas negros sobem no pódio descalços e, ao cantarem o hino nacional estadunidense, baixaram ligeiramente a cabeça e ergueram os punhos cerrados, envoltos numa luva preta. Poucos foram os gestos gritantes quanto este, denominado “gesto silencioso”, simbolizando o que ficou conhecido como resistência negra do partido dos Panteras Negras e tinha como características o princípio do direito da autodefesa e a valorização da cultura negra.

Manifestações do orgulho racial, de enaltecimento de uma identidade negra fundamentada em elementos referentes à cultura afro são movimentos fortes na época.

<sup>12</sup>Disponível em: <https://esportes.r7.com/esportes-olimpicos/gesto-dos-panteras-negras-resiste-meio-seculo-apos-mexico-1968-16102018>. Acesso: 27 dez. 2019.

<sup>13</sup> O australiano, vencedor da medalha de prata, mostrou seu apoio a Smith e Carlos, usando um distintivo do Projeto Olímpico de Direitos Humanos (OPHR) a caminho do pódio e foi punido severamente pelo seu país por essa atitude.

<sup>14</sup> Os dois atletas negros foram expulsos das Olimpíadas e afastados da confederação americana.

Nas décadas de 50 a 80, o uso do cabelo crespo natural representava símbolo desse momento, uma forma de resgatar raízes africanas e travar lutas anti-hegemônicas.

Agora, na segunda década do século XXI no Brasil, destacamos neste trabalho discursos imagéticos (o gesto simbólico de outrora) que se atualiza na luta coletiva representada pelo acontecimento brutal do assassinato de Marielle Franco. Há muitas imagens símbolos da luta coletiva de Marielle que destacam seus cabelos crespos e o braço levantado. Analisamos, neste item, dois textos: um desenho a lápis e uma tela, pintada por Camila Soato.



Figura 03<sup>15</sup>

Neste texto (Figura 03), de modo simultâneo, vê-se em palavra **luto** e **luta**. O braço erguido com a mão fechada expressa a ação de lutar, uma retomada do gesto de 1968 na Cidade do México. A cor da imagem (preto e branco) marca bem o termo e a ideia de luto, pois esta cor evoca a ausência, lembra a noite, a ausência de luz. Assim, a construção dos dois signos verbais, marcados no significante com o uso de duas vogais, produz o sentido de que a morte (luto) Marielle transformou-se em resistência (luta), seja para reconhecimento ou para dar continuidade às suas demandas enquanto representante política e ativista.

<sup>15</sup> Disponível em: [https://lh3.googleusercontent.com/AaBIN49vlyoYS41zN8lgAiwUV4VmpFPvv11-EOQXm7FX\\_\\_G56nbzd473InM8hokbjwdHj5M=s85](https://lh3.googleusercontent.com/AaBIN49vlyoYS41zN8lgAiwUV4VmpFPvv11-EOQXm7FX__G56nbzd473InM8hokbjwdHj5M=s85). Acesso: 28 dez. 2019.



Figura 04<sup>16</sup>

A obra intitulada “Presente” (Figura 04) é uma pintura em óleo sobre tela que homenageia Marielle Franco, da artista Camila Soato<sup>17</sup>. A obra foi incorporada à 11ª edição da Bienal do Mercosul que teve como tema o Triângulo Atlântico, com debates sobre os processos de colonização e a relação entre os povos das Américas, da África e da Europa. Segundo a artista, seu propósito foi criar uma obra para homenagear a vereadora e todas as mulheres que, assim como ela, lutam e resistem.

Vê-se na pintura a imagem da vereadora acompanhada por outras mulheres durante um protesto, com as frases numa faixa “se conhecem, se apoiam e se organizam”. Nota-se que o contexto de luta não é só da vereadora, mas sim de todas as mulheres. E neste contexto elas “se conhecem, se organizam, se apoiam” e lutam para ocupar seus devidos espaços.

Logo, como observa Gregolin (2008), a memória discursiva apresenta-se tanto no interior de usos verbais, quanto dentro de práticas não verbais. Para concretizar esta ideia, acrescenta-se a contribuição de Courtine (2013), afirmando que a imagem além de ser um modelo de língua, também é um modelo de discurso, afirma: “toda imagem se inscreve em uma cultura visual, e essa cultura visual supõe a existência, para o indivíduo,

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/05/presente-obra-da-bienal-homenageia-vereadora-marielle-franco/>. Acesso: 28 dez 2019.

<sup>17</sup> Camila Soato (Brasília, Brasil, 1985) vive e trabalha em São Paulo. Com uma pesquisa voltada para a apropriação de imagens encontradas na internet e relacionadas a um cotidiano banal, a artista brasileira usa a pintura para explorar a conexão entre arte e vida, diluindo a imagem mítica que esta técnica carrega em seu histórico.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA

de uma memória visual, de uma memória das imagens, toda imagem tem um eco” (p.23). Por isso, pelos elementos imagéticos, podem-se atualizar memórias.

Considerando as exterioridades e interioridades imagéticas desencadeadas através da pintura “Presente”, destacamos as visualidades do gesto simbólico de luta: os braços erguidos, que retomam interdiscursivamente, tantos já ditos e que destacamos neste texto o já-dito pelos atletas norte-americanos nos Jogos Olímpicos de 1968. Em torno desse acontecimento histórico e do imaginário coletivo sobre Tommie Smith e John Carlos, a retomada de memória é possível, pois as imagens encontram-se dentro de um sistema de outras formações, abrindo caminhos para outros tipos de organização e materialidade imagética. Vale ressaltar, então, o que afirma Courtine (2013) “[n]ão há imagem que não nos faça ressurgir outras imagens, tenham essas imagens sido vistas antes, ou simplesmente imaginadas”.

No caso específico da figura 04, registramos o dizer da artista Camila Soato: “Pintei logo após a notícia dessa atrocidade. Quis retratá-la em meio a outras mulheres para mostrar a luta contra um sistema que oprime, e que, ao se deparar com uma mulher com voz, parte para eliminá-la. Quis aproveitar o fato de estar dentro de um museu, onde a maioria das pessoas não tem acesso, para ocupar este espaço com as lutas de Marielle”<sup>18</sup>.

### **“Bandeiras” de luta contra a ditadura**

Em 1968, na Praça General Osório, no bairro de Ipanema/Rio de Janeiro, foi exposta pela primeira vez a bandeira (Figura 05) “Seja Marginal / Seja Herói” do artista Hélio Oiticica. O enunciado verbal escrito na bandeira juntamente com a imagem de um corpo caído marcado por balas de armas<sup>19</sup> mostram a filiação do enunciador artista a um

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/05/presente-obra-da-bienal-homenageia-vereadora-marielle-franco/>. Acesso: 27 dez. 2019.

<sup>19</sup> Para não ficar muito longo, optamos por não discutir neste artigo, detalhadamente, as condições de produção que fizeram emergir esse poema-bandeira, por isso muitos registros sobre esse acontecimento não foram aqui mencionados.

posicionamento político da época e representam um chamado ao interlocutor para se posicionar fora do sistema, à margem de imposições.

Na época, buscava-se por um país livre e democrático e os sentidos produzidos pela bandeira da autoria de Oiticica são de que isso só irá acontecer caso haja revolta máxima, inclusive marginalizando-se. Assim, ser um herói marginal é mais do que ser contra a ditadura, é lutar contra a existência de leis opressoras.

O enunciado “Seja marginal/Seja herói” é retomado em 2018 em um texto verbo-imagético materializado em um muro, conforme mostramos abaixo (Figura 06).



Figura 05<sup>20</sup>



Figura 06<sup>21</sup>

Na fotografia do muro (Figura 06), há, além do enunciado verbal retomado da bandeira de Hélio Oiticica, o rosto de Marielle Franco grafitado e os dizeres: “Marielle Presente” e “#ELENÃO”<sup>22</sup>. Por meio de uma exposição artística, feita pela junção da linguagem escrita com a imagética, percebe-se a realização de um chamado ou convocação pública de cunho revolucionário. Então, este texto (Figura 06) representa mais do que uma ferramenta de enfrentamento, mas também uma retomada do “já-dito”

<sup>20</sup>Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/helio-oiticica/seja-marginal-seja-her-i-1968>. Acesso: 30 dez 2019.

<sup>21</sup><https://lh3.googleusercontent.com/x7n8A5bBoCD1n6ydtCyg5wl-VgXPBc8m8Dwabgba5DBxK66oM2oqBhr318BoSowmHNbjtQ=s85>

<sup>22</sup> A manifestação #EleNão em repúdio ao candidato a presidente Jair Bolsonaro, que se espalhou por cidades brasileiras no dia 29 de setembro de 2018, foi a maior manifestação de mulheres na história do Brasil. Foi também uma das maiores manifestações contra um candidato. O movimento #EleNão rejeita a eleição de um candidato, mas, antes de tudo, é um repúdio por discursos e práticas machistas, misóginos, racistas e homofóbicos.



**A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?**

**28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA**

em outras instâncias. Assim sendo, o modo como o sujeito discursivo significa é afetado pelos dizeres disponibilizados pelo interdiscurso.

O enunciado #elenão refere-se ao movimento de rejeição ao candidato à presidência Jair Messias Bolsonaro. Antes de ser candidato, o deputado posicionou-se de modo machista, misógino, racista e homofóbico em várias falas, como: “Eu tenho cinco filhos, foram quatro homens, a quinta dei uma fraquejada e veio mulher”; “bandido bom é bandido morto”; chamou a deputada Maria do Rosário, do PT, de “vagabunda” e disse “só não te estupro porque você não merece”. Mas, mesmo com esse movimento, ele foi eleito presidente do Brasil em 2018.

Colocamos lado a lado as imagens (Figura 05 e 06) para melhor visualização e interpretação dos sentidos produzidos em dois tempos distintos: a) 1968, que fortaleceu ou resumiu a "cultura marginal" ou “marginália” que incorporou em seus trabalhos uma série de elementos e representações da violência diária, uma crítica aos conservadorismos da sociedade. O grupo intelectual do qual Hélio Oiticica participa, durante 1967 e 1968, aponta para sentidos de criação de caminhos mais radicais e transgressores para os dilemas culturais da época; b) 2018, Marielle Franco que se dedicava à denúncia da violência contra os marginalizados, de modo geral, foi executada a tiros juntamente com o motorista que dirigia o carro no qual estavam. Ela é/era “marginal”, ela se tornou “heroína”. O sujeito enunciativo que coloca o rosto de Marielle grafitado, juntamente com falas já-ditas, constrói sentidos de convocação para a luta, para criar condições de enfrentamento ao sistema opressor vigente.

O poema “No caminho com Maiakóvski” do autor Eduardo Alves da Costa foi escrito nos anos 1960 e se tornou um símbolo contra o golpe militar no Brasil. Um poema, de versos simples e diretos, que passou a ser declamado em protestos nas ruas, assembleias de estudantes e sindicatos. Cinco dias após a execução de Marielle Franco, um texto verbo-imagético de Amarildo Lima é publicado no site Humor Político com o título “Na primeira noite...”:



Figura 07 <sup>23</sup>

O texto (Figura 07) é composto pela junção de uma estrofe do poema de José Alves da Costa com o desenho do rosto de Marielle expressando um botão de uma flor que é “arrancando” do pé da planta. Marielle aparece como a flor que, mesmo sendo “cortada”, não deixa de ser verde, não deixa de brotar, de viver, visto que o desenhista apresenta uma expressão caricaturada forte e firme do olhar e do rosto. Todos esses elementos acrescidos da cor verde, a cor da esperança, ao fundo da imagem reforçam os sentidos de resistência. Assim, como na época do golpe militar, o atual contexto é de luta, de protesto contra os discursos e práticas de ódio.

Os enunciados produzidos na década de 1960 - tanto os versos do poema-bandeira de Oiticica, quanto os versos do poema de Costa – são retomados e nos novos contextos textuais são ressignificados. E nessa atualização discursiva da memória, as repetições pelo “mesmo” e pelo “diferente” são constitutivos dos modos como o linguístico, o imagético e o político “se inter-relacionam na constituição dos sujeitos e na produção dos sentidos” (ORLANDI, 2015, p.38).

## Considerações finais

Diante da análise que desenvolvemos, observamos como memórias são

<sup>23</sup> <https://www.humorpolitico.com.br/amarildo/na-primeira-noite/>. Publicado em 19/03/2019 por Amarildo Lima. Título: Na primeira noite...

discursivamente atualizadas pela complementariedade entre o verbal e o não verbal, principalmente a partir dos acontecimentos que foram retomados e transformados nas materialidades que analisamos: Jogos Olímpicos (1968 na Cidade do México) e período da Ditadura Militar no Brasil. Tudo isso a partir de um acontecimento histórico e discursivo de violência contra não apenas a Marielle Franco, mas a um coletivo de mulheres, negras, pessoas da favela e marginalizadas. A violência atua sempre de modo seletivo em termos de classe social, pertença étnica e cultural, atinge-se, portanto, apenas os mais pobres e estigmatizados e, dificilmente, a elite. (DAVIS, 2017)

Atualmente, as políticas de combate à violência contra mulheres encontram-se dentro de uma situação histórica muito diversificada, abrange uma agenda de âmbito nacional e internacional que impõe uma série de metas e ações específicas. Um desses contextos é a noção de Estado democrático e suas relações com um projeto de modernidade, ditado por discursos de Direitos Humanos, no qual essa violência é extremamente contraditória.

O crime brutal - a violência contra não só à vereadora, mas aos marginalizados – no entanto, não ficará no esquecimento. Pelo contrário, por este breve estudo, já comprovamos como as lutas e resistências estão se tornando mais fortes e contundentes. E, para finalizar um trabalho que articula artes e política, optamos por citar, nesta provisória conclusão, um texto predominantemente imagético que coloca em circulação os sentidos de que “Marielle vive”:



Figura 09<sup>24</sup>





A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA

São inúmeros e diversificados, muitos anônimos, os sujeitos que se posicionam atribuindo sentidos contra a opressão e denunciando a violência do próprio estado para com os povos mais vulneráveis. O ícone dos cabelos crespos/negros com faixa na cabeça, semelhante ao da Figura 09, é artisticamente (re)produzido em diversas materialidades e posto em circulação no Brasil e no mundo.

## Referências

BITTONI, Dulcilia Schroeder. **Fotografia e Jornalismo: a informação pela imagem**. São Paulo: Saraiva, 2015.

CHARAUDEAU, Patrik. **Discurso das mídias**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Cultura e Política**. São Paulo: Boitempo, 2017.

ELPAÍS. **A morte de Marielle é um sinal ao qual devemos estar atentos**. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/19/opinion/1521476455\\_299821.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/19/opinion/1521476455_299821.html). Acesso em 12 de junho de 2018.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2 ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

GOMES, Regina Souza. **Relações entre linguagens no jornal: fotografia e narrativa verbal**. Niterói: EdUFF, 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário. J-J.Courtine e as metamorfoses da Análise do Discurso: novos objetos, novos olhares. In: SARGENTINI, V. & GREGOLIN, M.R. **Análise do discurso: heranças, métodos e objetos**. São Carlos: Claraluz, 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário F.V; KOGAWA, João Marcos Mateus. (org.). **Análise do discurso e semiologia: problematizações contemporâneas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

JORNALDOBASIL. **Edição de 16 de março de 2018**. Disponível em: <http://www.jb.com.br/jornaldigital/2018/03/16/21/>. Acesso em: 14 jun. 2018.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA

ORLANDI, Eni P. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. In: **Revista RUA**. v.1, n.1. Campinas, 1995, p.35-47.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 12 ed, São Paulo Campinas: Pontes Editores, 2015.

OUTRASPALAVRAS. **Marielle Franco**: eu sou porque nós somos. Disponível em: <https://outraspalavras.net/brasil/marielle-franco-eu-sou-porque-nos-somos/>. Acesso em: 12 jun. 2018.

PÊCHEUX, M. [1969]. **Análise automática do discurso**. Tradução brasileira: ORLANDI, E.P & COSTA, G. Campinas/SP: Pontes Editores, 2019.

PÊCHEUX, M. [1975]. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2009.

PEITA. **Não vendemos feminismo!** Disponível em: <https://peita.me/blogs/news/nao-vendemos-feminismo>. Acesso em: 25 jun. 2018.